

Perder e reexistir: o ser idoso enlutado diante da perda amorosa à luz da fenomenologia existencial sartreana e das memórias de Simone de Beauvoir*

Lose and reexist: the being elderly mourning in the face of loving loss in light of Sartrean existential phenomenology and Simone de Beauvoir's memories

Perder y reexistir: el ser anciano frente duelo de la pérdida amorosa a la luz de la fenomenología existencial Sartreana y los recuerdos de Simone de Beauvoir

Thiago Sitoni Gonçalves
Silvana Rocha de Souza
Glaucia Magalhães Araújo
Daiany Lara Massias Lopes Sgrinholi

RESUMO: Envelhecer, enquanto um processo que ocorre no transcorrer da existência, desvela diversas metamorfoses na história, no corpo, nas relações com o mundo e com o outro. A velhice, tal como fase do desenvolvimento, configura uma vivência singular do existente humano diante das vicissitudes, sendo uma delas, a experiência da perda. O objetivo deste estudo é compreender o ser idoso diante da perda amorosa, a partir de uma leitura crítica acerca da velhice, morte e do luto, pela fenomenologia existencial de Jean-Paul Sartre.

Palavras-chave: Envelhecimento; Luto; Existencialismo; Jean-Paul Sartre; Simone de Beauvoir.

ABSTRACT: *Growing old is a process that occurs in the course of life, reveals several metamorphoses in your own history, in the body, in relations with the world and with the other. The old age its a phase of development, configures a unique experience of the human being in the face of change, one of them is the experience of loss. The purpose of this study is to understand the elderly when they have a love loss, by a critical reading about old age, death and mourning for the existential phenomenology of Jean-Paul Sartre.*

Keywords: *Aging; Mourning; Existencialismo; Jean-Paul Sartre; Simone de Beauvoir.*

RESUMEN: *Envejecer como un proceso que ocurre en el curso de la existencia, revela varias metamorfosis en la historia, en el cuerpo, en las relaciones con el mundo y con el otro. La vejez, como su fase de desarrollo, configura una experiencia singular del ser humano frente a las vicisitudes, uno de ellos, la experiencia de la pérdida. El objetivo de este estudio es comprender a los ancianos frente a la pérdida amorosa, a partir de una lectura crítica de la vejez, la muerte y el duelo por la fenomenología existencial de Jean-Paul Sartre.*

Palabras clave: *Envejecimiento; Luto; Existencialismo; Jean-Paul Sartre; Simone de Beauvoir.*

Introdução

Os múltiplos aspectos que caracterizam o processo de envelhecimento estão relacionados à passagem do tempo vivenciado pelo ser idoso, cuja repercussão dessas mudanças desvelam alterações relativas à anatomia, patologia do corpo e uma experiência singular no mundo. Sendo composto por diversas metamorfoses em vida e que demandam atenção das instâncias globais, o ser idoso toma corpo nas pesquisas quantitativas, principalmente no Brasil (WHO, 2005). Enquanto processo, por outro lado, o envelhecimento torna-se um percurso a ser experienciado pelo sujeito a seu modo, a partir das suas relações no mundo, que não são mais as mesmas, atravessadas por novas questões com o corpo, com a história, com a vida e suas relações e, por conseguinte, a morte e as suas perdas, ou seja, vicissitudes que circunscrevem a sua existência (Kreuz, & Franco, 2017).

Baseando-se nisso, o presente trabalho tem, como objetivo geral, compreender o ser idoso enlutado diante da perda amorosa, haja vista a ampla literatura acerca do luto nas teorias

psicológicas e uma necessidade de ampliar os debates acerca do sujeito que experiencia essa perda. Para isso, o primeiro tópico deste trabalho objetiva caracterizar, por intermédio de pesquisas relacionadas à gerontologia, autores e comentadores da teoria fenomenológico-existencial, o envelhecimento e breves considerações sobre o ser idoso, avizinhandose das estatísticas, das significações sociais e históricas que cruzam com o seu ser-no-mundo.

Ao referenciar a teoria em que este trabalho se embasa, o próximo tópico versa em destacar algumas contribuições da fenomenologia e do existencialismo de Jean-Paul Sartre para a psicologia, a partir da delimitação da noção de sujeito que está sendo posto em desenvolvimento e de conceitos que o circundam como: essência, liberdade, projeto e subjetividade.

Por intermédio do ser idoso, em sua liberdade, retratado nos tópicos anteriores, é que se objetiva desenvolver, dentre tantas as possibilidades de perder em sua existência, acerca da perda amorosa nessa fase da vida. É válido frisar que as perdas que surgem durante o envelhecimento são heterogêneas e envolvem outras instâncias da vida (economia, saúde, aspectos psicossociais). Tem-se, enquanto recorte, a perda amorosa, entendendo-se que “amor e luto, vínculo e perda são duas facetas da mesma moeda” (Parkes, 2010, p. 7), pois, ao relacionar-se com o outro, invariavelmente, tem-se a possibilidade de perder. Ao perder, surgem questões existenciais que repercutem na existência do sujeito enlutado. O trato com a morte e, por conseguinte, o luto, são dois aspectos importantes de problematização, visto que a materialidade e a historicidade atravessam a experiência da perda no mundo.

Em interface com as memórias de Simone de Beauvoir, objetiva-se desenvolver acerca da dimensão social, histórica da morte e do luto na pós-modernidade, em nexos com o relato da filósofa sobre o processo de adoecimento e enlutamento diante da morte de Sartre, e de como ele se percebia mediante seu processo. Com isso, pretende-se realizar uma leitura fenomenológico-existencial do luto.

A construção deste trabalho sucedeu-se a partir de um estado da arte, isto é, um levantamento bibliográfico envolvendo livros, artigos científicos e dissertações disponibilizados em plataformas digitais de pesquisa, dentre elas: Google Acadêmico, SciELO e Portal Periódicos, a partir dos seguintes eixos temáticos: envelhecimento, velhice, morte, luto e psicologia fenomenológico-existencial. É válido reiterar que não se pretende esgotar a revisão dos materiais ou a discussão advinda deles, mas, construir uma leitura crítica e possível do fenômeno posto em investigação e fomentar maiores pesquisas sobre a temática.

Envelhe(s)cer: das estatísticas ao seu aspecto existencial

*[...] o sentido de nossa vida está em questão no futuro que nos espera; não sabemos quem somos, se ignorarmos quem seremos
[...] é algo que nos diz respeito. Somos nós os interessados.*
(Beauvoir, 2018)

Em um aspecto nacional, estatisticamente, pela Organização Mundial de Saúde (WHO, 2005), até 2025 o Brasil será o sexto país do mundo em número de idosos. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2019) reitera essa afirmativa, ao pontuar que a população brasileira manteve a tendência de envelhecimento dos últimos anos e ganhou 4,8 milhões de idosos desde 2012, superando a marca dos 30,2 milhões em 2017. As idosas correspondem a 16,9 milhões (56%), enquanto os idosos são 13,3 milhões (44%). É o que pesquisas mostram em relação ao aumento do total de idosos no país, ou seja, daquelas pessoas que têm 60 anos ou mais, logo: "a população idosa tende a crescer no Brasil nas próximas décadas, como aponta a Projeção da População, atualizada em 2018. Segundo a pesquisa, em 2043, um quarto da população deverá ter mais de 60 anos" (IBGE, 2019).

Reitera-se que, dada a perspectiva do idoso enquanto sujeito de direitos, no Brasil, essa realidade é legitimada e regulamentada pela Política Nacional do Idoso, bem como o Estatuto do Idoso, sancionados em 1994 e em 2003. De acordo com o Art. 8º do Estatuto do Idoso: "O envelhecimento é um direito personalíssimo e a sua proteção um direito social" (2007, p. 10).

Haja vista a sua crescente emergência populacional, faz-se necessário caracterizar, nesse primeiro momento, o que vem a ser o envelhecimento. Em tese, de acordo com a American Psychological Association (APA) (VandenBos, 2010), o processo de envelhecer é visto, na maior parte das vezes, como um conjunto de mudanças biológicas e psicológicas associadas à idade cronológica. São inevitáveis alterações, causadas por fatores biológicos ou genéticos intrínsecos.

O envelhecimento pode ser definido em dois tipos: primário e secundário. O primeiro se trata do envelhecimento universal, existente em todas as pessoas, com genética determinada ou pré-programado. O segundo seria resultante de algumas influências externas e variável entre sujeitos em diferentes meios. Seria decorrente de fatores cronológicos, geográficos e culturais (Netto, 2013).

O autor citado, aponta que há uma dificuldade em mensurar o fenômeno do envelhecimento, pois “está intimamente vinculada à dificuldade de definir a idade biológica, [e isso] justifica a falta de segurança para adotar quaisquer das teorias existentes sobre o fenômeno” (p. 72). Netto (2013) explana que o processo de envelhecer é um *continuum*, isto é, um percurso que acontece a partir das duas extremidades da vida: da gênese à morte. É por esse caminho, de uma ponta a outra, que é possível delinear fases do desenvolvimento e cada uma delas caracteriza-se por marcadores que envolvem integralmente a vida do sujeito, pontuando as suas especificidades e limitações.

O ser humano, ao longo de sua existência, é atingido por diversos fenômenos e facticidades em seu projeto de vida. Um destes, a velhice, sendo esta um processo inevitável da vida, assim como a infância, a adolescência e a fase adulta, vem a ser marcado por alterações na integralidade de vida, relacionadas à passagem do tempo. Contudo, este fenômeno não é igual para todos os sujeitos, podendo ser circunscrito geneticamente ou ser influenciado pelo estilo de vida e hábitos (Ferreira, *et al.*, 2010).

Apesar de não ser sinônimo de doença, o processo de envelhecer desvela alterações relativas à anatomia e à patologia do corpo, que geralmente se apresentam por meio de doenças crônicas. Entretanto, o idoso e o envelhecimento ainda têm sido associados, hegemonicamente, a um predomínio de doenças crônicas, geradoras de dependências, fragilidades, incapacidades e morte, generalizando o que há de singular nessa etapa da vida (Ferreira, *et al.*, 2010). Ao generalizar a vida, generaliza-se por consequência, a morte.

Acontecimentos da vida, como doenças e morte, geralmente são associadas à velhice por questões culturais, mesmo sendo parte da vida em todas as idades. Porém, é como se pertencessem apenas aos velhos e quando uma criança ou jovem fica doente ou morre é visto como uma fatalidade (Ploner, *et al.*, 2008 p. 156).

Guimarães (2007) assinala que, mudar esse cenário, significa deixar de entender a velhice como uma etapa final e passar a entendê-la como um estágio que faz parte do desenvolvimento humano, como um momento significativo da existência, que possui abertura a possibilidades diante de seus projetos. A autora traça a crítica que:

Envelhecer, ao que parece, é uma das mais difíceis etapas da vida de um ser humano porque ainda não somos capazes de ver além das alterações físicas. Não reconhecemos, por trás dessa aparência, muitas vezes assustadora, as experiências vividas, resultando em crescimento e realizações pessoais profundos, que aí deixaram suas marcas. Vivemos em uma cultura em que os jovens e adultos procuram ignorar a realidade do envelhecimento gradual de cada um. Com o progresso moderno, diminuimos o valor do envelhecer, não consideramos o idoso como detentor de extensos e sólidos conhecimentos, talentos e experiências que podem auxiliar as gerações futuras (Guimarães, 2007, p. 14).

O estudo realizado por Simone de Beauvoir (2018), intitulado *A velhice*, escrito na década de 70, aponta maiores críticas acerca da temática - e que continuam a movimentar reflexões na contemporaneidade. Em primeiro momento, a autora esclarece que velhice não é sinônimo de morte, mas é uma etapa da vida e, enquanto tal, significa movimento. Diante disso, Beauvoir (2018) compreende a problemática da velhice a partir de duas óticas. A primeira, enquanto fenômeno da exterioridade (da história, da etnologia), e outra principalmente, enquanto ser-no-mundo. Desde sua época, as diversas consequências psicológicas e orgânicas advindas com a velhice já eram pontuadas. Não obstante, Beauvoir (2018) acrescenta que a significação da velhice acontece no seio de regras, de ditos e não ditos, em uma sociedade que circunscreve a sua própria condição e, também, sobre suas próprias mudanças.

Ao longo da história, a gerontologia definiu a velhice enquanto um processo irreversível de declínio, em todas as instâncias biológicas, neuroquímicas e comportamentais. Desde o século II, a velhice foi situada na intersecção da saúde e doença, devido à desidratação do corpo e da evaporação dos humores e essa concepção ecoou durante séculos, ditando outras observações sobre a situação da velhice. Em um salto de treze séculos no seu ensaio, Beauvoir (2018) pontua outras contribuições acerca do envelhecimento a partir do século XV. Emergem os tratados sobre velhice, ligados à higiene preventiva, visando a regimes, diagnósticos e terapias, cuja finalidade estavam em retardar esse processo (Beauvoir, 2018).

Há um avanço com o advento da anatomia no período do Renascimento (século XIV a XVI); todavia, a ciência ainda é circunscrita em teorias complexas, ora ditando a velhice enquanto uma autointoxicação (pois o ser humano tornou-se um composto químico), ora uma

doença incurável, devido às mudanças anatômicas baseada em teorias mecanicistas, visando ao corpo enquanto máquina e a velhice a sua ferrugem, por consequência, sua degradação. Beauvoir (2018) desconstrói uma noção de velhice natural, vista mesmo no rigor e na única narrativa positivista, pois, na medida em que a sociedade também possui parcela de responsabilidade nessa definição e as atividades humanas acontecem no cerne da organização social, a velhice também ganha sentido por meio dessa narrativa.

A autora afirma que estamos longe de alcançar uma sociedade que nomeie categorias culturais pelas quais jovens adquiram meios de captar, de saber ouvir e de descobrir com clareza e inteligência as condições em que são criadas as políticas da velhice. Neste contexto, estamos longe de uma sociedade que entenda a velhice não como um passo para a morte, e sim, como mais uma etapa da vida (Beauvoir, 2018).

Contudo, ao delimitar a velhice enquanto ser-no-mundo, Beauvoir (2018) redimensiona para além das definições vividas no corpo, em fenômenos biológicos e neuroquímicos que o constituem, mas "como todas as situações humanas, ela tem uma dimensão existencial: modifica a relação do indivíduo com o tempo e, portanto, sua relação com o mundo e com sua própria história" (Beauvoir, 2018. p. 13). Ou seja, envelhecer significa traçar o seu próprio percurso existencial frente a todas as determinações históricas e sociais que ditam as significações de ser idoso.

Beauvoir (2018) aponta que há uma imagem estabelecida acerca do idoso e do seu envelhecer, de forma positiva e fortificada pelas instâncias sociais, mas isso não significa que é a mesma imagem que o(a) idoso(a) se apodera, podendo negá-la e transformá-la. Pela fenomenologia existencial, entende-se que o ser idoso não é um mal ou sinônimo de doenças; todavia, ele é sujeito que se faz na existência e é caracterizado por um processo de transformação do projeto de vida, ou seja, algo que faz sentido ao seu fazer-se no mundo.

É necessário enfatizar que a palavra “velho” é citada diversas vezes no alicerce teórico utilizado neste estudo. No intuito de ressignificar essa ótica pejorativa diante do ser humano posto em investigação, Netto (2013) explana algumas definições entre envelhecimento, velhice e idoso: o envelhecimento é considerado o percurso ou processo experienciado pelo humano; a velhice torna-se a fase da vida, e o velho ou idoso, o resultado final. Estes integram um conjunto, cujos componentes estão intimamente ligados.

Além dos inúmeros fatores orgânicos, Netto (2013) acrescenta outros fatores a serem considerados como a solidão, perdas psicológicas, motoras e afetivas. Silva (2007) acrescenta que a velhice é um ciclo vital que passeia entre estigmas, características negativas diante do

vivido e, além disso, é uma fase intensa de perdas, tanto com “[...] o trabalho, do corpo jovem, de muitos pertences, projetos, familiares e por fim da própria vida” (Silva, 2007. p. 37)”. Diante de todas as facticidades que são acrescentadas nessa etapa, os valores, a experiência de envelhecer, e de ser idoso, são ressignificados pelo sujeito a seu modo, o que demarca a velhice como uma etapa singular, cujo chamamento vai de encontro com os acontecimentos, às determinações (históricas, biológicas, sociais e econômicas) e com aquilo que o próprio idoso fizer de si frente a isso.

Ao delimitar o ser idoso, a velhice e o envelhecer, o próximo tópico visa a explicar sobre a teoria que esse estudo se fundamenta, que é a psicologia fenomenológico-existencial sartreana, a fim de elucidar o sujeito posto em problematização, a partir de conceitos existenciais, que serão utilizados no curso do seu desenvolvimento.

Jean-Paul Sartre e a sua contribuição para uma psicologia fenomenológico-existencial

Neste tópico, ressaltamos alguns conceitos importantes a serem desenvolvidos sobre a teoria em que este trabalho se embasa, que é a psicologia fenomenológico-existencial sartreana. Para melhor compreendê-la, abarcamos outra abordagem filosófica da época, do século XX, conhecida como fenomenologia, composta por duas palavras de origem grega: *phainomenon* (fenômeno) e *logos* (estudo), significando o estudo do fenômeno compreendido por Edmund Husserl, como aquilo que se mostra para a consciência e não o que parece ser (Vaccaro, 2014).

Husserl considera a consciência enquanto intencional e vazia, considerando-a como um Eu-transcendental, que corresponde a todo o conhecimento e sentido atribuído ao mundo. A partir desse pressuposto, a fenomenologia parte da descrição de vivências para uma consciência, que intenciona à experiência humana no mundo (Mendes, Gressler, & Freitas, 2012).

Baseado nas contribuições de Husserl, Jean-Paul Sartre inaugura o existencialismo francês, a partir de algumas obras como: *A imaginação* (1936), *A Transcendência do Ego* (1937), *Esboço para uma Teoria das Emoções* (1939) e *O Imaginário* (1940). É pela sua obra *O Ser e Nada: Um ensaio de ontologia fenomenológica* (1943/2015), e *O existencialismo é um humanismo* (2014), que o autor inaugura alguns conceitos de maior importância para compor a construção deste trabalho.

Vaccaro (2014) menciona o eixo central do existencialismo pela frase inaugurada por Sartre (2014 p. 18), “a existência precede a essência”, que objetivou explicitar que não há uma matriz criadora ou uma verdade absoluta que seja capaz de moldar o homem antes de sua existência. A priori, a realidade humana é nada. Somente existindo, engajando-se no mundo, é que se constrói a sua essência. Sartre (2014) intenta, com essa afirmativa, defender o existencialismo de fortes críticas da época, que viam essa filosofia como pessimista ou uma ótica pejorativa diante da vida.

Sartre (2014) retrata o existente humano em liberdade, mas, ao fazer uso desse termo, dissocia-se do sentido empregado pelo senso comum. Ao propor a liberdade, Sartre rompe com determinismos que justificam as ações do homem no mundo. Contrário a isso, fundamenta que à experiência humana cabe a liberdade e isso significa que, mesmo situado em contexto sócio-histórico, político e familiar, cabe ao existente humano agir, visando a transcender sua situação. É por meio desse movimento que o existente humano consegue seguir novas possibilidades, em vista da condição dada em que ele está situado. Como bem posiciona Alvim e Castro (2015), a liberdade está associada a uma determinação, a uma situação que o existente humano se insere, pois ela não é uma elaboração fictícia; a liberdade de ser acontece na concretude da vida.

A realidade humana, em sua liberdade, tem o imperativo de escolher. Desamparado de qualquer fundamento ou verdade norteadora a não ser a própria responsabilidade diante de suas ações, o existente humano age segundo o seu projeto e diante de toda a humanidade, visto que nossas ações deixam marcas na história coletiva, haja vista a constante relação com o outro e a historicidade (Sartre, 2014).

Entende-se, por essa abordagem, que o existente humano está em um constante vir a ser. Um termo importante para o existencialismo, mencionado no parágrafo acima, é o projeto, que significa esse movimento de escolher, agir na situação em que se encontra, visando a transcendê-la, visando a novas possibilidades, lançando-se ao futuro (Vaccaro, 2014).

Tanto o existencialismo quanto a fenomenologia emergem no século XX, que é marcado pela constituição do sujeito cartesiano, cindido entre corpo e mente. Vaccaro (2014) reitera que tal separação se entrecruza com as teorias psicológicas que ora se denominam objetivistas, isto é, que generalizam o sujeito a fatores externos e a subjetividade sendo algo fora, ou subjetivistas, que consideram sujeito e subjetividade enquanto absolutos e independentes.

Pela filosofia existencial de Sartre (2015), sujeito e subjetividade estão interdependentes. A subjetividade implica na tomada de consciência, e esta passa a ser apreendida através da relação com algum objeto. Pela intencionalidade, consciência é consciência de alguma coisa; logo, a subjetividade, somente pode ser definida na medida em que ela visa a um objeto que a escapa ou fenômeno transcendente, que está fora dela e não é ela mesma. Portanto, como menciona Vaccaro (2014), a subjetividade e a consciência são sinônimos, em constante relação com o mundo.

De acordo com a autora supracitada, a relação homem-mundo é vista em duas instâncias: ser em-si e ser para-si. O primeiro, não possui consciência, ele apenas *é*, maciço, um objeto acabado, pronto. Já o para-si, caracteriza-se como consciência e visa àquilo que não é ela mesma, ou seja, aquilo que está fora, no mundo, nas relações e no outro. Isso significa que é através da relação com o outro, que a consciência atribui os seus contornos de sentido. Ambos, ser em-si e ser para-si, ocorrem simultaneamente.

Com base nessa fundamentação, é válido afirmar que a noção de sujeito é compreendida como em-si-para-si, dialeticamente, pois a realidade humana movimenta-se na tentativa de se totalizar, mas encontra-se sempre aberta à possíveis em seu vir a ser. O sujeito se constitui pela sua objetividade e singularidade. Contrário à noção cartesiana, o sujeito é todo corpo e todo mente; é de acordo com Silva e Vaccaro (2016) psicofísico, constituído por uma materialidade, em constante relação com um mundo mediado pela subjetividade, que circunscreve os significados que damos ao mundo; por isso, considerada uma subjetividade objetivada.

Para dizer adeus: a perda de Sartre vivida por Simone de Beauvoir

A concepção de sujeito advinda do existencialismo e da fenomenologia, ampara a leitura sobre o ser idoso, visto que, demarcado por essa fase da vida, também está aberto a vislumbrar projetos e a essencializar-se no mundo, negando e ressignificando sua imagem que é universal e que se torna singular ao longo de sua experiência na concretude da existência. Como uma vicissitude, a perda pode ser uma das experiências que esbarram no seu percurso e a respeito dessa facticidade, Simone de Beauvoir (2016) dá suporte ao desenvolvimento teórico, a partir de suas memórias que narram sua experiência da perda de seu parceiro de vida, Jean-Paul Sartre.

A ausência tornando-se presente: uma leitura sobre a morte na pós-modernidade e do luto na concepção fenomenológico-existencial

No livro *A Cerimônia do Adeus*, publicado em 1981, um ano após o falecimento de Sartre, Beauvoir descreve o processo de envelhecimento deste filósofo e, além disso, segundo Carneiro (2017), é um posicionamento de Simone em retratar o seu luto *in memoriam* à Jean-Paul Sartre, uma homenagem à qual ele nunca poderia ter acesso. Entrar em contato com essa obra é levar em conta o projeto de Simone em elaborar seu luto em formato de memória inspiradora para os futuros leitores da obra sartreana (Carneiro, 2017).

Na tentativa de descrever as experiências como elas realmente aparecem, Beauvoir (2016) relata que, durante a velhice de Sartre, a sua atuação era intensa na revista *Le Temps Modernes*, na política, em projetos, na escrita da biografia de Flaubert e revisão de artigos. No decorrer dos anos, foi acometido de algumas enfermidades, devido a seus hábitos (que implicam no uso excessivo de álcool, tabaco e na sua intensa rotina de viagens) que se tornaram prejudiciais a seu bem-estar. Mesmo diante do adoecimento, Sartre demonstrava não se importar. Beauvoir expressa que, em alguns momentos, apresentava-se triste e ausente ao presenciar esses movimentos do filósofo, oscilando entre esperança e aflição.

Durante os vinte e cinco anos retratados, Beauvoir (2016) relata que, em primeiro momento, houve um pico de pressão alta no ano de 1954. Em seguida, Sartre sofre um derrame e, a partir daí, surgem as primeiras debilidades, como sua cegueira, dificuldade de mobilidade e seus desmaios. Os médicos alertam a iminência de morte a ela; todavia, Beauvoir se esforça para não falar sobre a gravidade do estado de saúde para Sartre e, cuidadosamente, articula isso com os médicos no receio de um agravo do seu quadro.

A velhice vivida por Sartre é circunscrita pela ausência de utilidade. Relata que gostava de estar com pessoas jovens, pois, nesse convívio, sentia-se útil por compartilhar seus conhecimentos, discutir assuntos que estavam em iminência na época. Mesmo com suas limitações relacionadas ao adoecimento, Sartre seguia fazendo suas viagens, conhecendo lugares e, sendo curioso, sentindo muito prazer em informar-se, como relata Beauvoir (2016, p. 145) “Se a velhice é, como dizem alguns, a perda da curiosidade, então ele absolutamente não estava velho”.

Ao fazer uso dessas memórias neste trabalho, intenta-se fazer nexos entre teoria e vivência, não somente como um mero retrato da experiência de envelhecer e morrer de alguém,

mas também, uma maneira possível de circunscrever o olhar de quem fica, da realidade humana que está ajuntada ao outro já morto e que vive a abrupta experiência da perda. Partir dessas considerações, faz-se necessário apresentar o fenômeno do luto e da morte na contemporaneidade e com isso, demarcar junto às memórias de Simone, uma leitura fenomenológico-existencial acerca da experiência do enlutamento.

O luto, como um fenômeno que se mostra para a consciência, configura-se em determinado pano de fundo histórico em que estamos imersos (Carneiro, 2018; Franco, 2004; Freitas, 2018). Assim, torna-se necessário delimitar o luto e, por conseguinte, a morte, baseado em sua construção dialeticamente, ou seja, moldado pelo contexto social inserido e reconfigurado pela singularidade vivida em sociedade. Reconhecendo o seu desvelamento nos dias atuais, por meio de sua historicidade, é possível promover um distanciamento, isto é, um conceito que Alvim e Castro (2015) assinalam enquanto um olhar crítico diante das naturalizações do tema ou de explicações causais sobre o seu acontecimento.

Para a construção crítica acerca da morte, Ariès (2017), em seus estudos, pontua que a modernidade foi palco para a morte interdita, o que significa, silenciada e/ou vetada. Não se fala de morte no cotidiano e evita-se enunciar a temática para o moribundo. A verdade anteriormente entendida pelas duas metades da Idade Média, de sujeito entendedor de sua finitude, é nesse período, ocultado. Carneiro (2017) complementa o deslocamento de lugares. Antes, o lugar para a morte pressentida localizava-se ao leito; com o advento da modernidade, o espaço passou a ser os hospitais devido a impossibilidade de cura.

A morte desvela-se como “um fenômeno técnico causado pela parada dos cuidados” (Ariès, 2017 p. 84) por aqueles nomeados de equipe técnica do hospital que, por sua vez, delimitam a morte ou, como assinala Ariès (2017, p. 84), ela é “parcelada numa série de pequenas etapas dentre as quais, definitivamente, não se sabe qual a verdadeira morte, aquela em que se perdeu a consciência ou aquela em que se perdeu a respiração...”.

Ariès (2017, p. 85) afirma que, assim como a morte reconfigurou-se, o enlutamento também teve suas nuances. Para demarcar essa mudança, o autor abarca o conceito de “*acceptable style of facing death*”¹ que, em uma tradução livre, significa uma maneira aceitável de encarar a morte, descrita por um mínimo de sofrimento possível aos sobreviventes. A este

¹ O idioma utilizado na edição brasileira é a língua inglesa devido ao livro ser resultado de quatro conferências de Ariès na John Hopkins University.

considerado mínimo, ilustra-se o sofrimento discreto e com comoções mínimas. Carneiro (2015) e Ariès (2017, p. 85) aproximam o luto a um tabu, tão incômodo e vergonhoso como a masturbação, pois, tal como o gozo, “só se tem o direito de chorar quando ninguém vê, nem escuta”. Traça-se, a partir de então, uma etiqueta, uma forma de reagir diante da morte.

Carneiro (2017) expressa que a morte e a vida foram delimitadas em protocolos, que são divergentes entre idosos e crianças. Quando um idoso está na fronteira de sua vida, atesta-se a não reanimação ou a descontinuação da manutenção da vida por meios artificiais. Mas o pano de fundo reconfigura-se quando se trata de crianças:

Caso se trate de uma criança, cuja mãe luta, com todas as forças, para mantê-la viva, a equipe médica lançará mão de todas as máquinas, testes, drogas e protocolos. Uma vez a batalha perdida (porque é disso que se trata, uma guerra contra a morte), o maquinário mantém a criança respirando e seus órgãos funcionando e, apenas após a realização de três (às vezes, quatro) eletroencefalogramas (EEG), com intervalo de 8 horas entre si, que não atestem qualquer (nenhuma mesmo) atividade cerebral, a família é consultada sobre o desligamento dos aparelhos. Apenas assim, pode-se esperar a vida seguir seu curso e a morte ser atestada (Carneiro, 2017, pp. 36-37).

Por sua vez, os ritos e cerimônias acontecem com um caráter dramático moderado. Sabe-se que a morte aconteceu e as condolências a família acontecem ao final dos velórios. Todavia, o chamamento para a felicidade, o evitamento da tristeza, paira para os enlutados no bojo de seu pesar. A partir disso, problematizamos: como essa questão paira na pós-modernidade?

Com o intuito de caracterizá-la, Schneider (2017, p. 121) conceitua a pós-modernidade como uma crítica às verdades estabelecidas, nomeadas de metanarrativas da modernidade, marcadas pelo individualismo, alienação e rigidez das instituições que regulam a vida; nesse sentido, a pós-modernidade é sintetizada pela autora, a partir da metáfora “tudo que é sólido desmancha no ar”.

A questão de tempo e espaço encurtou-se pelos meios de comunicação, a busca por lucratividade rápida promove novos desejos e novas formas de consumo. Ainda, as verdades rígidas estabelecidas pela lógica moderna dão espaço para a pluralidade de discursos do diferente, ou seja, “mulheres, negros, indígenas, minorias de toda a espécie” emergem com

suas verdades (Schneider, 2017, p. 126). O racionalismo é substituído pela desconstrução de uma lógica da vida, pois a mudança é constante, nada é estabelecido para durar.

Franco (2004) reitera que a pós-modernidade é tida como uma crise da modernidade por demarcar a crise do sujeito cindido, dividido, cartesiano e, em consequência disso, desnudar a fragilidade do ser humano em meio às suas incertezas. Com isso, o investimento tecnológico sobre o prolongamento da vida efetivou-se. O trato com a longevidade modifica-se e a expectativa de vida cresce, o que desperta a atenção para a qualidade de vida, a promoção da saúde da população e, ambigualmente, baliza “[...] os ímpetos amargurados desse grupo, proporcionando o esquecimento da sua condição de proximidade com a morte” (Franco, 2004, p. 112). O trato com a qualidade de vida, anuvia por outro lado, o caráter finito do humano.

Pela morte silenciada, tem-se para os outros que ficaram, a perda medicada. Com isso, na pós-modernidade, Carneiro (2017 p. 35) expõe que o luto se torna uma categoria a ser algo “prevenido, diagnosticado e tratado”. É nessa perspectiva que a autora demarca uma crescente discussão da inserção do luto complicado como critério de exclusão para o diagnóstico de transtorno de depressão, no *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (DSM-V). Nas palavras da autora,

[...] na primeira edição do DSM, em 1952, o termo “luto” não é citado uma única vez, ao passo que, no DSM-5, de 2013, há mais de 130 referências ao termo. Em pouco mais de 60 anos, a abordagem do luto, pelo DSM, mudou radicalmente: de uma experiência humana à patologia (Carneiro, 2017, p. 80).

Em sua quinta edição, o DSM apresenta critérios para a inserção do transtorno de luto complexo persistente para estudos posteriores, o que não delimita um diagnóstico preciso acerca da “patologia” do sujeito, mas, dá margem à decisão do profissional em ditar ou não a causalidade de seus sintomas. A presença da nomenclatura apresenta-se, de acordo com a sua pesquisa, ao longo de todo o manual, como se, de fato, fosse um diagnóstico instituído (Carneiro, 2017). De acordo com a autora, na pós-modernidade, quem fala acerca do luto é o diagnóstico causal, em detrimento do próprio enlutado.

Ademais, o luto complicado ainda aparece como comorbidade, isto é, associado a outros transtornos, como: transtorno de ansiedade de separação, transtorno do pesadelo,

transtorno de estresse pós-traumático, transtorno de estresse agudo; aparece como fatores relevantes em casos de disfunção erétil, ejaculação precoce e entre outros transtornos (Carneiro, 2017).

Diante desse contexto, Freitas (2018, p. 53) acrescenta que o luto possui leituras e intervenções a partir de várias vertentes da psicologia, que se debruçam a partir de uma teoria e de uma terapia do luto, objetivando uma suposta *cura* ou remediação de *sintomas*; doravante, a pesquisadora problematiza: “o que temos de curar? Que sintoma extirpar uma vez que a dor é parte da experiência da perda?” e ainda, estendemos outros questionamentos: o que nos habilita categorizar a dor de alguém que perde um ente querido? Que lugar de saber é esse? O que tem o existencialismo a compor acerca dessas duas temáticas?

Primeiramente, a morte é tida como um fato, uma facticidade, um acontecimento na existência. Para a morte, basta um minuto de vida, como bem posiciona Martin Heidegger (2015). Para Sartre (2015), a morte é um absurdo, pois ela retira todo o significado fortificado da vida.

Carneiro (2017) cita a morte enquanto o último dado da existência, tal como é a última nota de uma orquestra: não melhor do que as primeiras notas e os silêncios que a entrecruzam; é a nota que encerra. Todavia, Sartre (2015) reitera que não podemos cair, por essa concepção, na espera (ilusória) da morte ou de uma preparação antecedente a seu acometimento, pois a morte é um evento indeterminado e tal como o nascimento, não escolhemos. Ela possui um caráter subjetivo e singular, que significa a “minha morte” (Sartre, 2015, p. 651). Por esse termo, não significa morrer por alguém, por uma pátria, ou por uma batalha, muito menos pela condenação à pena de perder a vida, mas,

Pertence à categoria do impedimento imprevisto, *inesperado*, que se deve levar em conta, conservando seu caráter específico de inesperado, mas que não podemos esperar, posto que se perde por si mesmo no indeterminado (Sartre, 2015, p. 656).

Ou seja, a morte é o limite indeterminado que retira todo o significado da vida. Por ser um limite, o existente humano não a considera, pois, enquanto vir a ser, lança-se aos possíveis. Sartre (2015) fundamenta que o existente humano é um livre mortal, mas não leva em conta a morte em sua vida, pois ela é a anulação do lançamento ao futuro. Mesmo assim, a morte não

é um critério crucial para balizar a existência, retomando a ideia em Sartre (2014), de que não há uma moral ou essência que determine o ser.

Se nem antes há essa determinação e muito menos depois, fazemo-nos sós em existência, e em uma inevitável liberdade. Sartre (2015) e outros pesquisadores que se embasam em sua filosofia da existência, afirmam que a noção de morte em sua construção do pensamento existencialista é contrária ao conceito de ser-para-a-morte em Heidegger (Bueno, Santos, & Basseto, 2018; Carneiro, 2017; Vaccaro, 2014).

Contextualizando, o filósofo alemão situa a morte como condição ontológica e do próprio existente humano enquanto algo pendente, faltante, prestes a findar-se. Reconhecendo o seu caráter intransferível, a realidade humana encontra-se com a angústia, ou seja, “o descortinar o horizonte” (Heidegger, 2015, p. 250), a percepção de si enquanto finito. Pela angústia, o ser-para-a-morte legitima-se em uma existência autêntica ou inautêntica, plena ou não.

Em Sartre (2015), nem a morte pode ser a essência da existência. Ela se caracteriza pela extinção de minhas possibilidades e meus projetos, ou seja, fora daquilo a que o ser para-si visa. Nele, há a noção de temporalidade que, para o existencialismo francês, não segue uma linearidade. Tempo, como bem pontuam Alvim e Castro (2015) é escoamento, sempre em um movimento: passado, compondo o que o ser já não é, e futuro, a instância que *ainda* não é, que só pode ser realizado a partir de um presente, que é ação, engajamento. Todavia, Vaccaro (2014, p. 57) adverte: “Ainda que o futuro seja doador de sentido para o presente, o futuro não é obrigatoriamente aquilo que seremos, visto que há sempre a possibilidade de não o sermos”.

A morte, torna-se então, a impossibilidade de concretizar o projeto em existência. Ela se mostra de duas formas: enquanto morrer, o que denota um sentido de processo e a morte do outro. Sartre (2015) afirma que, sobre esse primeiro aspecto, que é a finitude, poetas desenvolveram suas afirmativas como, por exemplo, Rilke, um expoente importante em sua linha de raciocínio, o qual interpreta o fim da existência de alguém enquanto uma preparação que acontece em seu curso expressivo. A noção de finitude é encontrada nas memórias de Simone de Beauvoir, em sua interpretação dos primeiros indícios do adoecimento de Sartre em seus últimos anos de vida:

[...] O que é certo é que o drama de seus últimos anos é a consequência de toda a sua vida. É a ele que se podem aplicar as palavras de Rilke: “Cada um carrega a sua morte em si, como a fruta, seu caroço”. Sartre teve o declínio e a morte que sua vida preparava. E talvez por isso os tenha aceitado tão tranquilamente (Beauvoir, 2016, p. 138).

Diante do morrer, implica-se um posicionamento em meio a liberdade de ser. Isso significa que, mesmo em face do adoecimento e/ou da perda, o existente humano em sua liberdade terá que fazer-se por intermédio de suas escolhas que circunscrevem a sua posição na situação em que se encontra (Carneiro, 2017).

Em relação a filosofia de Sartre, ao morrer-se, tem-se implicações para os outros ainda viventes. O morto se faz presente para aqueles que ficam por intermédio da memória e das suas significações concretizadas no mundo. A ausência torna-se presente. A vida morta não mais se faz na existência, ela já está feita, totalização em condição de em-si. Então, ao morrer, ela torna-se propriedade dos vivos, pois agora, as suas nuances, suas metamorfoses acontecem por meio das memórias do outro (Carneiro, 2017; Sartre, 2015).

Freitas (2018) assinala que a perda escancara o fato de sermos no mundo a partir da intersubjetividade e, nessa imbricação, haver o desaparecimento do outro enquanto corporeidade. É uma ruptura significativa e sentida pelo existente humano na sua característica de *ser-com*, que partilhou mundo e temporalidade, ou seja, não é apenas a perda de um ente querido, mas diz respeito a uma ruptura de um mundo compartilhado, ilustra a descontinuidade de uma história.

Quem falece ainda possui sentido no mundo; entretanto, não está aberto a outros projetos e possibilidades vislumbradas no existir, “não envelheceremos mais conjuntamente, não seremos mais testemunhas da existência um do outro” (Freitas, 2018, p. 52). A ruptura de um mundo compartilhado também é ilustrado nas memórias de Beauvoir, quando a ausência se faz presente alguns dias após o falecimento de seu parceiro Sartre. Nas palavras da autora, “Sua morte nos separa. Minha morte não nos reunirá. Assim é: já é belo que nossas vidas tenham podido harmonizar-se por tanto tempo” (Beauvoir, 2016, p. 166).

Dadas essas considerações, o enlutado é o outro que ficou, um guardião de vivências ao lado do até então falecido. As memórias de Beauvoir (2016) ilustram justamente isso, sendo o próprio livro de memórias dedicado aos admiradores da vida de seu companheiro e dos que

ainda irão conhecê-lo. A morte do outro é uma situação-limite, vivida genuinamente apenas por ele, mas a dor é experimentada por cada enlutado em sua liberdade. Às outras vidas mortas, que desembocaram no esquecimento, resta o aniquilamento (Carneiro, 2017). Eis, então, um ponto-chave: quem determina a duração da perda? Quais critérios definem o esquecimento enquanto alternativa a uma nomeada vivência saudável de luto? O que podemos considerar acerca do seu projeto diante da perda de alguém?

Carneiro (2017) ressalva, que o apego ao luto também pode ser considerado uma escolha do sujeito enlutado por manter presente aquele que se faz ausente em sua liberdade e situação. Se a morte é um fato e o sujeito em sua liberdade, lida com a perda por meio de seu luto, categorizá-lo, estabelecer fases, dividir em momentos, ou em uma etiqueta, seria, para o existencialismo sartreano, uma espécie de má-fé.

Divergente do seu significado no senso comum que ilustra a deslealdade, a má-fé para o existencialismo sartreano, é uma apreensão irreflexiva em um movimento de escapar da liberdade e do imperativo de escolher e, por consequência disso, em arcar com as responsabilidades de seus atos. A má-fé não é sinônimo de mentir, mas, vai de encontro ao sentido de fugir de si mesmo. É um fenômeno que surge do Para-si por negar-se, fugir das agruras da liberdade, que tenciona a realidade humana ao vazio, à angústia e, conseqüentemente, ao seu próprio movimento de fazer-se no mundo (Carneiro, 2017; Sartre, 2015).

Isso significa que, não é na sistematização dos estágios do fenômeno que se instalam as vivências do luto. É justamente na experiência do sujeito em situação de perda, que é possível apreender como ele lida com essa morte. Enquanto projeto, ou seja, a respeito do seu movimento de transcender a situação, de modificá-la, o sujeito enlutado lida a sua maneira, sem tempo ou momento determinado para acabar (Carneiro, 2017; Vaccaro, 2014; Freitas, 2018).

Esse tempo indeterminado é visto logo quando Beauvoir recebe a notícia do falecimento de Sartre. Ela pede para que ficassem a sós. Deitou-se ao seu lado para que pudesse se despedir e ali dormiu. No enterro, ela relata um anestesiamento por Valium (no Brasil, nomeado de Diazepam), não conseguindo permanecer em pé, pedindo uma cadeira para se sentar. Ao passar dos dias, realizou-se o processo de cremação, mas, Beauvoir não teve

condições de ir. Logo após foi constatado que ela estava com congestão pulmonar (Beauvoir, 2016)

Considerações finais

O envelhecimento é um intenso processo que percorre pelas duas extremidades da existência: do nascimento à morte. A velhice é marcada por alterações que afetam a integralidade do humano e também, é circunscrita na história por diversos sentidos que fortalecem estigmas até hoje recorrentes. Por meio de uma leitura fenomenológico-existencial, entende-se que o ser idoso não é sinônimo de doenças, de significações sociais ou de outrem, mas um existente humano de possibilidades, com diversos projetos de vida enquanto lida a seu modo com o seu próprio envelhecer.

Enquanto existente humano, faz-se na medida em que nega a objetificação do outro diante do seu corpo, de sua cronologia e do seu projeto de vida, entendendo que o ser idoso realiza a sua livre escolha de fazer-se diante de todas as suas determinações. Diante disso, as perdas, podem ser uma das diversas facticidades que podem lhe acontecer, e cujo impacto é sentido pelo fato de a existência acontecer conjuntamente ao outro no mundo.

Em interface com esses aspectos teóricos, o relato de Simone de Beauvoir ampara essa fundamentação pelas suas memórias, narrando três pontos importantes para o desenvolvimento do trabalho. Primeiro, Beauvoir expõe como Sartre (re)significou seu processo de envelhecimento e como ele vivenciou seu envelhecer. Em segundo momento, ela destaca as suas impressões diante dos momentos de oscilação de saúde de Sartre e a sua preocupação diante do futuro que ameaçava a continuidade da vida de seu parceiro. Em terceiro momento, Simone descreve o retrato de seu luto após a morte de Sartre, acompanhado de medicamento e uso excessivo de álcool. As conexões das memórias e a teoria desvelam pela vivência de Simone: a vivência de Sartre frente ao seu ser idoso no mundo, a existência enquanto finita frente ao adoecimento, o medo diante da morte iminente e, por conseguinte, o sofrimento advindo da perda pela descontinuidade do compartilhamento de projetos.

A perda, em seu sentido amplo, torna-se uma vicissitude nessa fase da vida e o foco adotado nesse trabalho é o luto diante da perda amorosa. O luto, nesse sentido, é uma situação-limite cujo rompimento de um mundo compartilhado com o existente humano é abruptamente vivido, pois é uma experiência que encerra a existência e, por isso, a realidade humana não mais está no mundo conjuntamente, traçando projetos, dado que é totalizada na condição de

em-si, algo encerrado. As únicas metamorfoses que a vida morta pode realizar é pela memória e recordação do outro que ficou, o enlutado, ou em outras palavras, este ser guardião das memórias que permanecem suspensas no imaginário.

Portanto, mesmo diante de todas as implicações sociais que a morte e a experiência do enlutamento despontam em sociedade, traçar fases, cindir em momentos específicos em que a experiência do luto deve ocorrer, em maior ou menor grau, é aniquilar a liberdade do enlutado em todo o seu sofrimento. A experiência do luto não tem um tempo determinado para terminar e, diante de todas as implicações que a perda desponta na existência da realidade humana, cabe a ela, angustiar-se e ressignificar seu projeto diante da ausência que se faz presente.

Referências

- Alvim, M. B., & Castro, F. G. de. (2015). O que define uma clínica de situações contemporâneas? Apontamentos a partir de J-P. Sartre e M. Merleau-Ponty. *In: Alvim, M. B. (Org.). Clínica de situações contemporâneas: fenomenologia e interdisciplinaridade*, 15-47. Curitiba, PR: Editora Juruá.
- Ariès, P. (2017). *História da morte no Ocidente: da idade média aos nossos tempos*. Priscila Viana de Siqueira, Trad. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira.
- Beauvoir, S. de. (2018). *A velhice*. Maria Helena de Franco Martins, Trad. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira.
- Beauvoir, S. de. (2016). *A Cerimônia do Adeus*. Rita Braga, Trad. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira.
- Brasil. (2007). *Estatuto do Idoso*. (2ª ed.). Brasília, DF: Editora do Ministério da Saúde.
- Bueno, C. P., Santos, G. I., & Basseto, A. D. (2018). A morte sob a perspectiva fenomenológica existencial. *Diaphonía*, 4(2), 110-126. Recuperado em 03 junho, 2019, de: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/diaphonia/article/view/21310>.
- Carneiro, S. V. (2017). *O Luto na Contemporaneidade à Luz da Fenomenologia Existencial de Jean-Paul Sartre*. Tese de doutorado. Universidade de Fortaleza, UNIFOR, Fortaleza, PE, Brasil. Recuperado em 25 abril, 2019, de: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFOR_74f1e45468b0333295e520e0a8b9db67.
- Franco, C. (2004). A crise criativa do morrer: a morte passa apressada na pós-modernidade. *Revista Kairós-Gerontologia*, 10(1), 109-120. Recuperado em 25 abril, 2019, de: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/2577/1631>.
- Freitas, J. L. (2018). Luto, *pathos* e clínica: uma leitura fenomenológica. *Psicologia USP*, 29(1), 50-57. Recuperado em 02 abril, 2019, de: <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v29n1/1678-5177-pusp-29-01-50.pdf>.

Ferreira, O. G. L., Maciel, S. C., Silva, A. O., Sá, R. C. N., & Moreira, M. A. S. P. (2010). Significados atribuídos ao envelhecimento: idoso, velho e idoso ativo. *Psico-USF*, 15(3), 357-364. Recuperado em 27 abril, 2019, de: <http://www.scielo.br/pdf/pusf/v15n3/v15n3a09.pdf>.

Guimarães, E. C. (2007) Reflexão sobre a velhice. *CES Revista*, 21, 11-23. Recuperado em 27 abril, 2019, de: https://www.cesjf.br/revistas/cesrevista/edicoes/2007/reflexaosobre_a_velhice.pdf.

Heidegger, M. (2015). *Ser e tempo*. (10ª ed.). Márcia Sá Cavalcante, Trad. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.

Instituto Brasileiro de Geografia Estatística. (2019). *Retratos, a revista do IBGE: Longevidade, viver bem e cada vez mais*. Rio de Janeiro, RJ: Autor. Recuperado em 12 agosto, 2019, de: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/d4581e6bc87ad8768073f974c0a1102b.pdf.

Kreuz, G., & Franco, M. H. P. (2017). Reflexões acerca do envelhecimento, problemáticas, e cuidados com as pessoas idosas. *Revista Kairós-Gerontologia*, 20(2), 117-133. Recuperado em 15 agosto, 2019, de: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/34093>.

Mendes, J. P. S., Gressler, S. K. A. B., & Freitas, S. M. P. (2012). Ser psicoterapeuta: reflexões existenciais sobre vivências de estagiários-terapeutas iniciantes. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 18(2), 136-143. Recuperado em 17 abril, 2019, de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180968672012000200003.

Netto, M. P. (2013). O Estudo da Velhice: Histórico, Definição do Campo e Termos Básicos. In: Freitas, E. V. *Tratado de geriatria e gerontologia*. (3ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan.

Parkes, C. M. (2010). Prefácio. In: Franco, M. H. P. (Org.). *Formação e rompimento de vínculos: o dilema das perdas na atualidade*. São Paulo, SP: Editora Summus.

Ploner, K. S., Michels, L. S. F., Oliveira, M. A. M., & Strey, M. N. (2008). O significado de envelhecer para homens e mulheres. In: Silveira, A. F., Gewehr, C., Bonin, L. F. R., & Bulgacov, Y. L. M. (Orgs.). *Cidadania e participação social*. Rio de Janeiro, RJ: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 142-158. Recuperado em 03 junho, 2019, de: <http://books.scielo.org/id/hn3q6/pdf/silveira-9788599662885-14.pdf>.

Schneider, D. R. (2017). A pós-modernidade e a produção da subjetividade: reflexões sartrianas. In: Castro, F. C. L. de, & Norberto, M. S. (Orgs.). *Sartre hoje: volume 2*, 117-150. Porto Alegre, RS: Editora Fi.

Sartre, J.-P. (2014). *O existencialismo é um humanismo*. João Batista Kreuch, Trad. (4ª ed.). Petrópolis, RJ: Editora Vozes.

Sartre, J.-P. (2015). *O ser e o nada: Ensaio de ontologia fenomenologia*. Paulo Perdigo, Trad. (24ª ed.). Petrópolis, RJ: Editora Vozes.

Silva, C. S. (2007). *Contribuições da psicologia existencial no enfrentamento das perdas e da morte*. Trabalho de conclusão de curso. Universidade do Vale do Itajaí, UNIVALI, Itajaí, SC, Brasil. Recuperado em 12 agosto, 2019, de: <http://siaibib01.univali.br/pdf/Cristiane%20Soletto%20da%20Silva.pdf>.

Silva, L. C., & Vaccaro, M. M. (2016). A constituição do sujeito: uma reflexão a partir de Jean-Paul Sartre. *Revista de Psicologia*, 7(2), 99-109. Recuperado em 03 junho, 2019, de: <http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/6278/4496>.

Vaccaro, M. M. (2014). *Constituição do Sujeito e Historicidade: um estudo a partir do existencialismo sartreano*. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Maringá, UEM, Maringá, PR, Brasil. Recuperado em 25 abril, 2019, de: <http://www.ppi.uem.br/arquivos-para-links/teses-e-dissertacoes/2014/marina-mene>.

VandenBos, G. R. (Org.). (2010). *Dicionário de Psicologia: American Psychological Association - APA*. Porto Alegre, RS: Artmed.

WHO. (2005). World Health Organization. *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Suzana Gontijo, Trad. Brasília, DF: Organização Pan-Americana de Saúde. Recuperado em 06 novembro, 2019, de: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf.

Recebido em 07/11/2019

Aceito em 30/04/2020

Thiago Sitoni Gonçalves – Psicólogo, Universidade Paranaense (UNIPAR). Tem produção científica sobre morte, luto, literatura e existencialismo. Experiência profissional em atendimento psicológico também com adultos e idosos. Estudos sobre morte, luto em interface com a filosofia existencial de Sartre e Beauvoir. Atualmente é psicólogo clínico existencialista. E-mail: thiagositonipsi@gmail.com

Silvana Rocha de Souza – Psicóloga, Universidade Paranaense (UNIPAR). Atualmente é psicóloga clínica.

E-mail: silvanardsouza@gmail.com

Gláucia Magalhães Araújo – Psicóloga, Universidade Paranaense (UNIPAR). Atualmente é psicóloga clínica.

E-mail: glauucia.araujo@edu.unipar.br

Daiany Lara Massias Lopes Sgrinholi – Psicóloga, Universidade Paranaense (UNIPAR), Especialista em Psicologia Fenomenológica-existencial, Universidade Paranaense (UNIPAR). Mestranda em Promoção da Saúde, Centro de Ensino Superior de Maringá (Unicesumar). Docente da Universidade Paranaense e Psicóloga Clínica.

E-mail: daianylara@prof.unipar.br

* Artigo resultante de reflexões que se desdobraram de TCC, trabalho de conclusão de curso de graduação em Psicologia, em 2020, na Universidade Paranaense, Unipar, Brasil, sob título similar: “Perder e reexistir: o ser idoso enlutado frente a perda amorosa à luz da fenomenologia existencial sartreana e das memórias de Simone de Beauvoir”, do autor 1, sob a orientação da Profa. Dra. Daiany Lara Massias Lopes Sgrinholi, última autora.